

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

SINOPSE

Felipe é um menino de nove anos que tem de fazer companhia para o irmão no hospital. Por estranhar as atitudes e a fisionomia do enfermeiro, começa a desconfiar do rapaz e passa então a observar atentamente todos os seus passos. Felipe acredita que o enfermeiro seja um vampiro e que só esteja à espera de uma oportunidade para atacar o irmão, que se encontra doente e indefeso. Ele tenta de todas as formas alertar os pais e convencê-los de que o enfermeiro é mesmo um vampiro. Como será que tudo termina? O que acontece com Felipe e seu irmão? As crianças não podem deixar de ler este livro e de descobrir o desfecho dessa história divertida e cheia de mistério.

PALAVRAS DO AUTOR

Quase que eu nasci no Uruguai. Por uma rua, uns metros e... nasci no Brasil, na fronteira oeste, em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, divisa com Rivera, cidade castelhana. Três dos meus avós eram uruguaios e só um era brasileiro, o avô materno — aliás, jornalista. Fui alfabetizado em espanhol e português. Com dez anos de idade, mudei-me para Porto Alegre, onde moro. Meu apelido, então, era Ligeirinho: eu era rápido no futebol, rápido para saber das novidades, ganhava quase todas as corridas (até de uma maratona de doze quilômetros eu participei, já adulto), e sou rápido para ler (um livro por dia em média) e para escrever (cerca de vinte livros publicados). Quando o assunto é fantasia, emoção, poesia, histórias para contar e cantar, não perco tempo e parto à toda. Escrevo vários gêneros e para várias idades. Um dos meus prediletos é o terror com humor. Rir depois de tremer. Foi o meu plano neste livro. Durante a história, será que as crianças vão tremer? Será que vão rir?

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Lelis
Formato: 18 x 26 cm
Número de páginas: 32
Coleção: *Pé ante pé*
ISBN: 978-85-385-2019-1
Indicação: A partir de 9 anos

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Apresente o livro aos alunos e, após o contato inicial com o título e a capa, convide-os a ler as imagens ali presentes e a levantar hipóteses sobre a narrativa. A apresentação da coleção indica que se trata de uma narrativa de mistério. De que modo a capa, que revela e esconde a imagem ao mesmo tempo, contribui para esse clima de suspense? Chame a atenção para a figura assustada do menino. O que ou quem parece assustá-lo? Com base no título, o que se pode inferir do espaço em que a narrativa acontece? Na capa, o que o adulto segura em suas mãos? Peça aos alunos que observem o guarda-pó e o crachá do personagem. Essas pistas se relacionam, de alguma forma, a hospital? Há algo que lembre vampiros na ilustração da capa?

2. Pergunte aos alunos se eles já ouviram falar de vampiros. Com base nos comentários feitos, peça que o grupo trace o perfil de um vampiro. Quais características se destacam com respeito à sua aparência, seus hábitos e seu comportamento? De que ele tem medo? Como os personagens de obras fictícias conseguem afastar um vampiro? Os alunos se lembram de alguns vampiros famosos da ficção? Como são? Do que gostam e o que evitam? Na etapa posterior, de exploração da leitura, retome essas informações e incentive as crianças a compará-las com o que está presente na história.

Trabalhe com a imagem popularmente construída em diversas culturas da figura do vampiro. Normalmente é o ser que se transforma em morcego, tem dentes afiados e se alimenta de sangue. Pode ser afastado pelo uso de alguns objetos que protegem os humanos, tais como crucifixos e alho.

DURANTE A LEITURA

1. Quando o acidente de *skate* acontece, apresentam-se opiniões contrárias a respeito do fato: enquanto pais e professores estão preocupados com Lucas, Felipe afirma que “aquele acidente era um sucesso!” (página 5). Em que sentido o acidente confere fama a Lucas? Como a ilustração da página 4 evidencia que ele se torna o foco das atenções? Por que Felipe estabelece uma comparação entre Lucas e Ismael?

2. A percepção de Felipe muda com a chegada ao hospital? O que opera essa mudança? O espaço em que a história acontece é um ponto significativo da narrativa; discuta com os alunos o modo como ele apresenta e descreve o local. A impressão e o conceito do menino em relação ao espaço influenciam seu modo de encarar o enfermeiro? Como Felipe se sente em relação ao hospital e fora dele? O que estabelece a diferença? Que elemento é especialmente assustador em meio a médicos, macas e soros? Por que esse elemento desencadeia a conclusão de que se trata de um hospital do mal, cheio de vampiros?

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

Aos olhos do menino, por que parece suspeito o interesse do enfermeiro por sangue? Que dizer do laboratório e do depósito pouco iluminado? São lugares igualmente sombrios? Que aspectos contribuem para essa leitura do espaço? De que modo o fato de Lucas ficar sozinho no quarto de um prédio “impessoal”, com pessoas estranhas o examinando, intimida Felipe, o responsável por tomar conta do irmão? Contraste as cores e a representação do hospital com a ilustração da página 31, na qual o ar de suspense se desmancha, uma vez que o mistério foi solucionado.

3. Chame a atenção dos alunos para a ilustração das páginas 14 e 15, em que o enfermeiro, com seu riso enigmático (na visão de Felipe) aparece em primeiro plano, e somente com a metade inferior da face exposta, salientando a boca. Aponte também para a feição do enfermeiro, em encontro posterior (página 25), no qual ele aparentemente confirma a hipótese levantada por Felipe. Peça aos alunos para folhearem o livro novamente e observarem atentamente as ilustrações, atentando especialmente para a forma como o enfermeiro é retratado. Essas ilustrações contribuem para a construção e manutenção do suspense na narrativa? Que detalhes conferem o ar de mistério? Ao analisar a sequência de ilustrações das páginas 10 a 15, destaque o primeiro plano conferido ao enfermeiro e os detalhes que amedrontam Felipe e, também, as expressões de susto, medo e desconfiança do menino, que está ao fundo.

4. Há uma inversão de papéis, pois é o irmão mais novo quem cuida do mais velho. Com base nessa constatação, analise com a turma algumas questões. Que responsabilidade é conferida a Felipe por seus pais? De que modo ele cuida dessa tarefa? Essa incumbência afeta, de algum modo, seu comportamento? De que modo a conversa com o enfermeiro (página 13) demonstra a tentativa de afirmação de Felipe? Em contrapartida, por que as respostas do enfermeiro retomam a impressão de que o lugar era misterioso e deixam o menino ainda mais temeroso?

5. A técnica utilizada por Lelis ao produzir as ilustrações contribuiu para o tom de suspense e mistério da narrativa? Oriente os alunos na percepção das cores, predominantemente frias, com fundos marcados pelo uso de tons de cinza e bege. Que leitura pode ser feita dessa escolha de cores? Como luz e sombra são exploradas para criar um clima de suspense? Qual a relação entre esses detalhes e o enigma da narrativa? Comente o efeito esfumado nos desenhos, as expressões de medo no rosto de Felipe em contraste com a tranquilidade do enfermeiro.

Que elementos são interpretados pelo menino como sendo características de um vampiro (dentes, boca suja de vermelho, etc.)? Chame a atenção para o modo sutil como a ilustração os evidencia e explore com os alunos os elementos que participam da construção desse personagem central na trama. Peça a eles que comparem a expressão e o comportamento dos personagens principais, Felipe e o enfermeiro. Comente os planos em que aparecem nas ilustrações, bem como a mudança da feição de ambos nas imagens finais, quando finalmente conversam e esclarecem a situação (página 28) e quando Felipe sai do hospital envergonhado (página 31).

TEM VAMPIRO NO HOSPITAL



Paulo Bentancur

DEPOIS DA LEITURA

1. No tocante à caracterização do vampiro como criatura assustadora que habita o imaginário popular, discuta a apresentação de alguns personagens que se pretendem “horripilantes” nos quadrinhos, como o Zé Vampir da Turma do Penadinho, de Maurício da Souza, por exemplo. Compare a caracterização desse vampiro e aquela construída por Felipe. Eles tentam atacar os outros, buscam sangue, apresentam avantajados dentes caninos e têm uma vida aparentemente solitária em um lugar sombrio — o castelo ou o hospital. O personagem dos quadrinhos ainda dorme em caixão e se transforma em morcego, mas também tem aversão a alho. Aproveite a oportunidade para estabelecer o diálogo com criaturas assustadoras da ficção, como o Conde Drácula e outros personagens.

2. No livro *Meus vizinhos são um terror*, de autoria de Telma Guimarães e também publicado pela Editora Positivo, o leitor é apresentado a Vanessa, que escreve *e-mails* a sua amiga Fernanda sobre uma estranha família que acaba de se mudar para a antiga casa da amiga. Estranhando os hábitos dos vizinhos, Vanessa suspeita que se trate de vampiros e, por isso, relata a Fernanda todos os acontecimentos atípicos envolvendo quem mora ao lado. O diálogo com o livro de Paulo Bentancur pode ser estabelecido desde o contato com pessoas aparentemente estranhas até a surpresa presente no final de cada uma das histórias. O que faz com que Vanessa e Felipe cheguem à conclusão de que os estranhos são vampiros? Que elementos são comuns ou não às narrativas?

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Elis Carrijo Guimarães